

EDGAR MORIN: REFLEXÕES SOBRE O PENSAMENTO COMPLEXO

Carol de Araujo Soares¹

1. Quem é Edgar Morin?

Considerado um dos principais teóricos da complexidade, é um dos pensadores contemporâneos mais relevantes da atualidade e destaca-se por defender a transdisciplinaridade na educação. Judeu de origem sefardita, o pesquisador emérito do CNRS (*Centre National de Recherche Scientifique*), nascido em Paris, completou em julho de 2021, cem anos. Formado em História, Geografia e Direito, migrou para a Filosofia, a Sociologia e a Epistemologia depois de ter participado da Resistência ao nazismo, na França ocupada, durante a Segunda Guerra Mundial. Detém o título de Doutor Honoris Causa em mais de 30 universidades ao redor do mundo. Ateu declarado descreve-se como um “neo-marrano” (IHU on-line, 2012).

2. Bibliografia

Autor de quase 100 livros dentre eles os mais citados são: “O Método”, “Introdução ao Pensamento Complexo”, “Ciência com Consciência” e “Os Sete Saberes Necessários para a Educação do Futuro”. Este último foi escrito a convite da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (Unesco), que o consagrou como uma referência nas áreas de educação, psicologia, filosofia e sociologia. Foi um dos primeiros pensadores do início do século 20 a sugerir uma reforma de paradigmas, questionando o ensino meramente disciplinar e pautado em conteúdos técnicos (LIV, 2019).

Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. (MORIN, 2002).

“O Método”, uma das suas principais obras, foi escrito durante três décadas e meia. Trata-se de uma das maiores obras de epistemologia disponíveis em seis volumes. O volume 1 “A Natureza da Natureza” é iniciado em 1973, seguido por “A vida da vida”, “O Conhecimento do Conhecimento”, “As ideias: habitat, vida, costumes, organização”, “A humanidade da humanidade: a identidade humana” e “A Ética”.

¹ Mestrado em Engenharia de Produção (UFRJ/Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1580-5405>
E-mail: carolsoares@ufrj.br

3. Introdução ao Pensamento Complexo

Enquanto uns veem em mim um mercador de sínteses integrativas, outros me veem como uma espécie de apologista da desordem, alguém que, neste sentido, se deixa tomar pela desordem e que finalmente dissolve qualquer objetividade no seio das subjetividades (MORIN, 2015).

O livro “Introdução ao Pensamento Complexo” é uma tentativa de tornar o pensamento complexo algo mais palpável. O texto tem o viés didático e nos mostra constantes referências palpáveis para que o assunto se torne mais simples. Um dos pontos mais interessantes é que por se tratar de um autor com um século de vida, a diversidade e variação de pontos de vista e associações à acontecimentos históricos, nos permite entender que é um assunto que estará sempre presente em nossa rotina e que será entendido aos poucos, durante nossa trajetória de vida.

Completamente avesso à ideia de soluções a partir de “fórmulas de bolo”, o autor discorre sobre a necessidade da integração do observador e do conceptor e em sua concepção.

Morin, defende e exerce o pensamento interdisciplinar o que vai de encontro com muitos pensamentos acadêmicos, onde ele mesmo se coloca como alvo de críticas e nos explica a necessidade das contradições, para evoluirmos como sociedade. “O indivíduo produz a sociedade que produz o indivíduo” (MORIN, 2015).

Uma das abordagens que torna o pensamento complexo mais compreensível, é quando o autor fala sobre a complexidade relacionada à ação. Uma de suas abordagens é sobre a ação ser um desafio, e como consequência se torna uma estratégia. No sentido de o acaso não ser apenas um fator negativo a ser reduzido, ele também pode ser visto como uma oportunidade. O outro ponto é sobre a ação escapar às nossas intenções. A ação se torna palco da complexidade, já que ela pode trazer o acaso, o imprevisto, iniciativas, decisões e consciência das transformações.

Em um terceiro momento ele reflete sobre a máquina não trivial e nossa sociedade, afirma sobre estarmos sempre em ciclos de crises, políticas, econômicas e sociais. “Com frequência necessitamos abandonar as soluções que repudiavam as antigas crises e elaborar novas soluções” (MORIN, 2015).

E por último, “Prepare-se para o Inesperado”, Morin reflete sobre a nossa teimosia em achar que nada de inesperado irá acontecer, mesmo sabendo que todos os acontecimentos que mudaram e evoluíram nossa sociedade, não estavam programados.

No que acredito? Acredito na tentativa de um pensamento, o menos mutilador possível e o mais racional possível. O que me interessa é respeitar as exigências de investigação e de verificação, própria ao conhecimento científico, e as exigências de reflexão propostas ao conhecimento filosófico. (MORIN, 2015).

O autor nos questiona sobre a necessidade de praticarmos os pensamentos menos mutiladores, e nos prepararmos para que o novo aconteça. A obra é uma síntese de um universo de ideias e reflexões que nos convence de que a complexidade é a chave para nossos pontos de transformações. O que não quer dizer, que quando passamos para uma nova fase estaremos livres de novas contradições.

4. Reflexões do Pensamento Complexo a Partir de Autores que Estudam Morin

Como analisado por Petraglia (2000, 2020), Edgar Morin diferencia a complexidade por três princípios que se inter-relacionam: dialógico, recorrente e o hologramático. O primeiro refere-se ao acolhimento da contradição, defende a unidade de noções antagônicas e a ideia de que algumas contradições são insuperáveis. O recorrente, também denominado como recursivo, se opõe a ideia de linearidade proposto em sistemas “tradicionais” e lida com ideia de ações desencadeadoras, uma ação gera uma causa, que gera uma outra ação, que gera uma outra causa e assim sucessivamente consolidando um processo em circuitos. E por último o hologramático, apresenta o paradoxo dos sistemas em que a parte está no todo assim como o todo está na parte, como em um caleidoscópio, onde uma grande imagem é feita de vários pequenos fragmentos, o que nos leva ver os ‘muitos’ e a unidade ao mesmo tempo.

Trata-se de um pensamento desprovido de certezas e verdades científicas que considera a diversidade e a incompatibilidade de ideias, crenças e percepções, integrando-as à sua complementaridade. [...] Morin entende a complexidade como um tipo de pensamento que não separa, mas une e busca as relações necessárias e interdependentes de todos os aspectos da vida humana [...] Trata-se de um pensamento que integra os diferentes modos de pensar, opondo-se aos mecanismos reducionistas, simplificadores e disjuntivos. Esse pensamento considera todas as influências recebidas, internas e externas, e ainda enfrenta a incerteza e a contradição, sem deixar de conviver com a solidariedade dos fenômenos existentes. (PETRAGLIA, 2000).

Segundo Pacheco e Herrera (2021), Edgar Morin (1990; 1999) e Mathew Lipman (1997) são os dois pensadores que melhor desenvolveram as definições mais importantes a respeito do pensamento complexo. Autores que abordam a necessidade de diminuir a fragmentação dos pensamentos, se opondo a um pensamento unificado e racional da ciência, defendem a flexibilidade de linhas de pensamento, mais críticos, mais criativos, mais humanos e mesmos complementares.

A noção do pensamento complexo foi cunhado por Morin (1990) e refere-se à capacidade do pensamento de perseguir o conhecimento multidimensional que integra os modos simplificadores de cognição e rejeita consequências reducionistas e unidimensionais (PACHECO; HERRERA, 2021).

Lipman (1997) sugere que a compreensão da complexidade requer um tipo de pensamento que integre pensamentos algorítmicos e heurísticos, bem como pensamento metódico com o sujeito. O pensamento heurístico permitiria reformular problemas complexos e simplificá-los para facilitar a sua resolução, aquele que por sua vez, pode ser submetido a um procedimento mais preciso, ordenado e lógico, a partir das ferramentas utilizadas pelo pensamento algorítmico [...] (PACHECO; HERRERA, 2021).

Os pesquisadores citam Silva (2020) para comparar Morin e Lipman (1997), distinguindo alguns paralelos entre os dois.

Entre os principais aspectos convergentes estão pensamentos que superam um pensamento simples, redutor e fragmentário. Explore possibilidades lógicas, mitológicas e dialógicas. Reconhecer incertezas e ambiguidades, implicam na abordagem do conhecimento a partir de aspectos multidimensionais, utilizar métodos interdisciplinares, e examinar em uma crítica ou forma autocrítica de seus próprios procedimentos e metodologias, autorregulando seus processos de pensamento (metacognição) (SILVA, 2020, p. 251).

Segundo argumento de Lipman (1997) “não existe tal coisa como pensamento crítico ou criativo totalmente puro, é precisamente o pensamento de ordem superior que leva à crítica e à criatividade”. O que nos leva a refletir sobre o modelo proposto pelo autor, que nos aproxima dos processos cognitivos que fundamentam o pensamento complexo, como pode ser visto na figura 1.

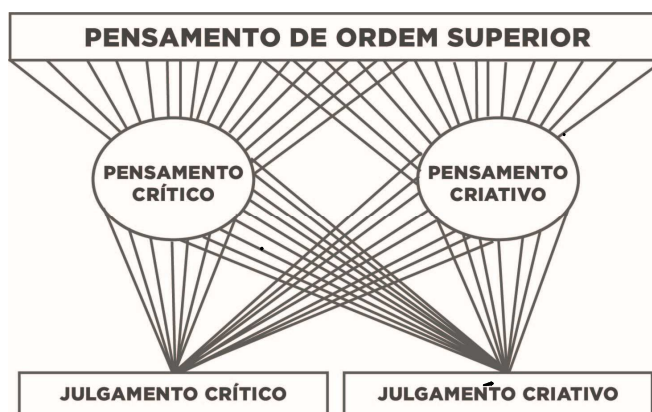


Figura 1. Pensamento Complexo ou Esquema de Pensamento de Ordem Superior.
Fonte: Imagem adaptada pela autora com livre tradução, a partir de modelo Lipman (1997).

5. Reflexões: Pensamento Complexo vs. Criatividade

Após a contextualização das seções anteriores, somado à experiência profissional da autora na área do empreendedorismo criativo. É interessante ressaltar a ligação, também

abordado por Lipman (1997) entre o pensamento complexo e o pensamento criativo. Morin (2015) ao relacionar a complexidade e a empresa, reflete sobre a necessidade da interação entre ordem e desordem nas organizações.

A ordem é necessária para o andamento das organizações, porém se não houver desordem no sentido de proporcionar as descobertas do acaso e da imprevisibilidade, pode ocorrer de não haver evolução nas organizações: “Num universo de pura ordem não haveria inovação, criação e evolução. Não haveria existência viva nem humana.” (MORIN, 2015).

Fazendo um paralelo entre o pensamento complexo e práticas criativas, o *Design Thinking* descrito por Tim Brown (2008) como uma abordagem que nos ajuda a explorar mais ideias mais rapidamente, o que pode sugerir alternativas criativas para suposições feitas nas sociedades desenvolvidas, o pensamento que traduz a forma que um designer projeta tem uma similaridade com os princípios: dialógico, recursivo e holográfico do pensamento complexo de Morin.

A prática de projetos em ambiente inovadores requer uma simplificação dos temas aparentemente complicados para que se chegue em uma solução eficiente e prática ao mercado, o que podemos definir com um possível artefato, serviço ou modelo complexo.

O *Design Thinking* é abordado de diversas formas por diferentes autores e modelos variados, sempre seguindo o percurso de três etapas: inspiração, ideação e implementação. Porém a autora entende ser interessante, de acordo com debates sobre o pensamento complexo e sistêmico em um grupo de estudo, apresentar o modelo desenvolvido pela empresa *Design Council* (2005), *Double Diamond* (figura 2) esquema que apoia designers e não designers em todo o mundo a enfrentar alguns dos problemas sociais, econômicos e ambientais mais complexos.

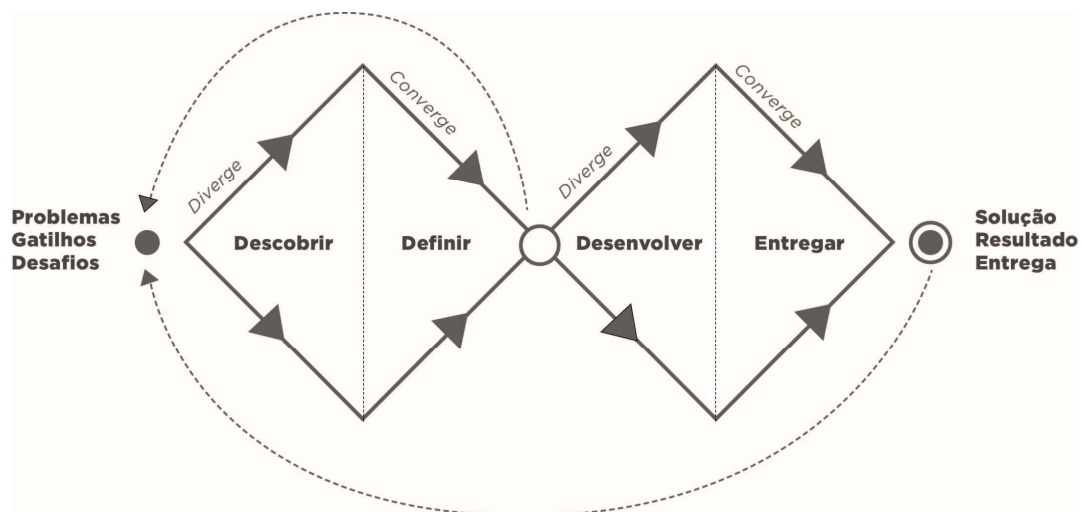


Figura 2. Double Diamond

Fonte: Imagem adaptada pela autora com livre tradução a partir de modelo Design Council (2005)

O processo criativo sempre parte de um problema, gatilho ou desafio, para ir em direção a uma solução, resultado e entrega. O percurso que pretende nos levar a uma inovação possível de ser implementada varia de acordo com os atores envolvidos no processo. É necessário que a equipe envolvida esteja disposta a fazer reflexões e autocrítica e disponível para fazer estes trajetos de divergência e convergência em busca do novo. Em comparação ao pensamento complexo de Morin, para que haja inovação é necessário trabalhar práticas não mutiladoras, mas que ao mesmo tempo estas novas possibilidades não se descolem da realidade. Com o objetivo de buscar soluções possíveis dentro do tempo, espaço e orçamento do projeto em questão.

Referências

BROWN, T. Design Thinking. **Harvard Business Review**, 86 (6), 84-92, 2008.

DESIGN COUNCIL. **“What is framework for innovation? Design Council’s evolved Double Diamond”**. Double Diamond (2005) Disponível em: <https://www.designcouncil.org.uk/news-opinion/what-framework-innovation-design-councils-evolved-double-diamond>. Acesso em: 22 de mar. 2021.

IHU on-line. “Quem é Edgard Morin?”. Revista do Instituto Humanitas Unisinos, ed 402, 2012. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4631-quem-e-edgar-morin%0D>. Acesso em: 15 de mar. 2021

LIPMAN, M. **“Pensamiento complejo y educaci’ on”**. Ediciones de la Torre, 1997.

LIV - Laboratório Inteligência de Vida. **“As contribuições de Edgar Morin para a educação”** (2019). Disponível em: <https://www.inteligenciadevida.com.br/pt/conteudo/as-contribuicoes-de-edgar-morin-para-a-educacao/>. Acesso em: 22 de mar.2021

MORIN, E. **“Los siete saberes necesarios para la educaci’ on del futuro.”** Santillana-Unesco, 1999.

MORIN, E. **“Introducci’ on al pensamiento complejo”**. Gedisa, 1990.

MORIN, E. **“Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro”**. Cortez Editora, São Paulo, 2002.

MORIN, E. **“Introdução ao Pensamento Complexo”**. Editora Sulina. Porto Alegre, 2015.

PACHECO, C. E HERRERA, C. "A Conceptual proposal and operational definitions of the cognitive processes of complex thinking". *Thinking Skills and Creativity*, v.39, 2021

PETRAGLIA, I. "Complexidade e Auto-Ética". **Eccos – Revista Científica**. Universidade Nove de Julho. São Paulo, n.1, v.2., jun. 2000.

PETRAGLIA, I. "**Pensadores na Educação: Morin, pensamento complexo e transdisciplinariedade**". Canal Instituto Claro, 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WXm029AiSqU>>, acesso em 20/03/2021.

SILVA, C. "Art Education for the Development of Complex Thinking Metacompetence: A Theoretical Approach." **International Journal Art & Design Education (IJADE)**, 39(1), 242–254, 2020.